



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

**PRÁTICAS DE ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA PARA A EDUCAÇÃO DE
JOVENS E ADULTOS: ALGUMAS REFLEXÕES METODOLÓGICAS**

JORGE DA SILVA NUNES

CAMPINA GRANDE – PB
2013

**PRÁTICAS DE ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA PARA A EDUCAÇÃO DE
JOVENS E ADULTOS: ALGUMAS REFLEXÕES METODOLÓGICAS**

JORGE DA SILVA NUNES

Trabalho de conclusão de curso (TCC)
apresentado à Coordenação de Letras - Língua
Portuguesa – Universidade Estadual da Paraíba,
como pré requisito para obtenção do título de
Licenciatura Plena em Letras.

Orientador: Profº Ranieri M. Bezerra de Mello

CAMPINA GRANDE – PB

2013

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

N972p

Nunes, Jorge da Silva.

Práticas de ensino da língua portuguesa para a educação de jovens e adultos: algumas reflexões metodológicas. / Jorge da Silva Nunes. – 2013.

29 f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2013.

“Orientação: Prof^o. Ms. Ranieri Machado Bezerra de Mello, Departamento de Letras”.

1. Educação de Jovens e Adultos - EJA 2. Língua Portuguesa 3. Prática de Ensino.

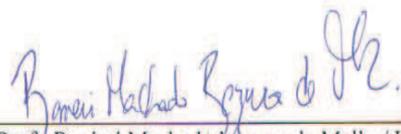
21. ed. CDD 374

JORGE DA SILVA NUNES

**PRÁTICAS DE ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA PARA A
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: ALGUMAS REFLEXÕES
METODOLÓGICAS**

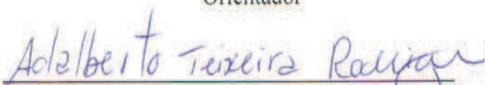
JORGE DA SILVA NUNES

BANCA EXAMINADORA



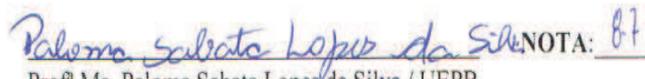
Prof. Ranieri Machado Bezerra de Mello / UEPB
Orientador

NOTA: 8,7



Prof. Ms. Adalberto Teixeira Rodrigues / UEPB
Examinador

NOTA: 8,7



Prof. Ms. Paloma Sabata Lopes da Silva / UEPB
Examinadora

NOTA: 8,7

Trabalho aprovado em 05 de Setembro de 2013
Média: 8,7

CAMPINA GRANDE – PB
2013

JORGE DA SILVA NUNES

**PRÁTICAS DE ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA PARA A EDUCAÇÃO DE
JOVENS E ADULTOS: ALGUMAS REFLEXÕES METODOLÓGICAS**

JORGE DA SILVA NUNES

BANCA EXAMINADORA

Prof. Ranieri Machado Bezerra de Mello / UEPB
Orientador

NOTA: _____

Prof. Ms. Adalberto Teixeira Rodrigues / UEPB
Examinador

NOTA: _____

Profª Ms. Paloma Sabata Lopes da Silva / UEPB
Examinadora

NOTA: _____

Trabalho aprovado em ____ de _____ de _____

Média: _____

CAMPINA GRANDE – PB

2013

Lá estavam eles, na sala de aula. Professor e alunos, todos adultos. O sono era um obstáculo praticamente intransponível para alguns. Os pensamentos vagavam. Por mais que se esforçasse, o professor não conseguia a concentração dos seus alunos para ensinar o conteúdo. Em certos momentos a aula tornava-se maçante e enfadonha. Tentavam aprender... Tentava ensinar... Sonho ou pesadelo?

Se essa descrição faz você lembrar sua última aula ou palestra, pode ser que ninguém tenha lhe alertado que adultos tem uma forma diferente de aprender.

ZeZina Bellan

Práticas de Ensino da Língua Portuguesa para a Educação De Jovens e Adultos: algumas reflexões metodológicas.

Jorge da Silva Nunes¹

RESUMO: A educação de jovens e adultos tem se tornado um instrumento indispensável para o exercício da cidadania na sociedade contemporânea, embora se trate de uma modalidade de ensino que requer grandes mudanças e inovações nos processos metodológicos. Essas mudanças devem possibilitar ao indivíduo seja ele jovem e adulto, o desenvolvimento de seu potencial como cidadão, desenvolver/despertar suas habilidades considerando a ampliação das competências adquiridas durante a vida escolar, para alguns deles, ou durante a vida extraescolar, para a grande maioria. Diante disso, a educação de jovens e adultos passa a ser pensada como uma modalidade diferente da oferecida na rede regular de ensino (FREIRE, 1996). Atento a essa realidade, este trabalho questiona “Quais práticas de ensino da língua portuguesa envolvem e tornam sua aprendizagem mais significativa para alunos da EJA”? E, elege como objetivo geral: Investigar as práticas de ensino da língua portuguesa na EJA e, de modo específico: a) Discutir o ensino de língua portuguesa para jovens e adultos; b) Refletir sobre as necessidades do aluno adulto ao retornar à escola; c) Apresentar, de acordo com as fontes consultadas, práticas de leitura e de escrita que façam parte da vivência desses alunos. Esses objetivos atentam para o fato de que esse público tem retornado à escola e tem se defrontado com velhas práticas de ensino da língua, que não têm favorecido a sua permanência na escola. A língua, muitas vezes, tem sido ensinada com foco apenas em seus aspectos gramaticais e deles espera-se que o aluno saiba nomear as palavras dentro de um conjunto de classes ou que ele saiba reconhecer aspectos de sua sintaxe. É subtraída desse ensino a compreensão de que a língua se efetiva através de textos (PCNs, 1997; MARCUSCHI, 2008; KLEIMAN, 2005). Para que práticas efetivas de ensino da língua contemplem essa nova compreensão, é preciso repensar essas situações de ensino, entre elas, destacamos a formação inicial do professor de língua portuguesa e a estrutura do curso de letras; as estratégias metodológicas de ensino da língua; a necessidade de redimensionamento dos objetivos de ensino. Para tanto, a construção do presente artigo, se fundamenta em algumas discussões teóricas e contribuições advindas dos PCNs – LP; as Orientações Curriculares para a EJA; além de outras provenientes da Linguística Aplicada.

PALAVRAS-CHAVE: Educação de Jovens e Adultos. Língua Portuguesa. Práticas de Ensino.

ABSTRACT: The education of youth and adults has become an indispensable tool for the exercise of citizenship in contemporary society, although it is a type of education that requires major changes and innovation in methodological processes. These changes should enable the individual, young and adult, the development of their abilities of potential citizens ; expanding the skills acquired during the school life , for some of them or during the life extra school , for the vast majority of them. Therefore, the education of youth and adults shall be considered as a modality different from the one offered in the regular education (Freire, 1996). Aware of this reality, this work questions “What teaching practices of Portuguese involve and make their learning more meaningful for students EJA (young and adults education) “? and elects the general objective : To investigate the practices of teaching English in adult education and in particular : a) Discuss the teaching of English to young adults and b) reflect on the needs of adult students to return to school ; c) introduce , according to the sources consulted , practices of reading and writing that are part of the experience of these students. These goals call attention to the fact that the community has returned to school and has been faced with old practices of language teaching, which have not favored its stay in school. The language has been taught to focus

¹ Graduando em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba – habilitação em Língua Portuguesa.

only on their grammatical aspects and it is expected that the student knows how to name words within a set of classes or that he knows how to recognize aspects of its syntax. It is extracted from this teaching, the understanding that the language is useful through texts (PCNs, 1997; Marcuschi, 2008; KLEIMAN, 2005). To effective practices of language teaching contemplate this new understanding , we need to rethink these teaching situations , among them include the initial formation of the Portuguese language teacher and course structure of the Major Portuguese Course , the methodological strategies of language teaching , the need to resize the teaching objectives . Therefore, it found the discussion on the contributions of PCNs - LP, the Curriculum Guidelines for the EJA, besides other contributions from the Applied Linguistics.

KEYWORDS: Youth and adults. Portuguese. Teaching practices.

1 INTRODUÇÃO

A partir da década de 80 a educação de jovens e adultos, no Brasil, começou a ser pensada como uma modalidade de educação diferente da oferecida na rede regular de ensino, através da influencia de Paulo Freire (1996), que já alertava às instituições de ensino sobre a necessidade de políticas direcionadas para esse público diferenciado. Isso se dava, sobretudo, no sentido de se considerar a formação cultural e social desse grupo, assim como o conhecimento que portava sobre os diversos conteúdos ditos escolares, entre eles conhecimentos sobre a língua portuguesa (LP, doravante).

Nesse sentido, esse público se particulariza, porque usa a língua em situações efetivas do cotidiano de suas vidas: leem e escrevem textos de diferentes gêneros, a saber: currículo *vittae*, bilhetes, cartas, etc; quando se trata de gêneros escritos e em relação aos gêneros orais, a saber: entrevistas, debates, diálogos, etc. No caso, faz uso de práticas de leituras e de escritas funcionais. Em função dessas necessidades muitos adultos têm voltado às escolas, mas também têm se defrontado com velhas práticas de ensino da língua, o que não tem favorecido a permanência do adulto na escola.

São concebidas como velhas práticas de ensino da língua: o tratamento descontextualizado desse objeto; o foco de aprendizagem nos aspectos gramaticais e formais da língua; a expectativa de que o aluno saiba nomear as palavras dentro de um conjunto de classes ou que ele saiba reconhecer aspectos de sua sintaxe, por exemplo. É subtraída desse ensino a compreensão de que a língua se efetiva através de textos, de gêneros e, portanto, de usos concretos e situados (PCNs, 1997; MARCUSCHI, 2008; KLEIMAN, 2005). Para que práticas efetivas de ensino da língua contemplem essa nova compreensão, é preciso repensar essas situações de ensino e, em especial, as práticas de ensino da LP para jovens e adultos.

Atento a essa realidade, este trabalho elege o seguinte questionamento:

Quais práticas de ensino da língua portuguesa envolvem e tornam sua aprendizagem mais significativa para alunos da EJA?

À luz dessa realidade e questionamento, trabalhamos com o seguinte objetivo geral: Investigar as práticas de ensino da língua portuguesa na EJA e, de modo específico, orientamos: a) Discutir o ensino de língua portuguesa para jovens e adultos; b) Refletir sobre as necessidades do aluno adulto ao retornar à escola²; c) Apresentar, de acordo com as fontes

² Através de conversas informais, podemos perceber a necessidade de associar conteúdos vistos em sala de aula com o caráter mais prático, isto é, utilitário.

consultadas, práticas de leitura, de escrita e de oralidade que façam parte da vivência desses alunos, isto é, leitura, escrita e oralidade funcionais.

Embora façamos referência aos professores de LP, reconhecemos que muitas das dificuldades encontradas também se estendem e se aplicam aos demais professores das disciplinas dessa modalidade de ensino. Essas dificuldades, geralmente, são ocasionadas pela falta de conhecimento do ritmo e dos interesses desse novo público, da organização curricular do curso, dos objetivos de ensino-aprendizagem e da própria ausência de comunicação entre professores e alunos. Esse distanciamento, sobretudo, ocorre pela falta de uma prática de ensino adequada e condizente à real necessidade desse público. São dificuldades que, na maioria das vezes, também podem encontrar sua origem na formação inicial dos professores e na possível negligência da academia que não tem cursos de licenciatura voltados para essa demanda que, como já foi apresentado, é tão diferenciada e tão carente de uma atenção acolhedora.

O professor da EJA precisa compreender que está diante de um grupo socialmente autônomo que compreende a dinâmica da vida social, pois ele (o grupo) atua, de alguma forma e com suas limitações, nesse grande conjunto.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta seção discutimos a democratização da educação de jovens e adultos nos últimos anos no Brasil. Também discutimos, em particular, a relação entre essa popularização e as práticas de ensino da língua portuguesa, uma vez que seu ensino abrange não só uma relação com o objeto – a língua, mas outras tantas relações entre esse objeto e o uso já consagrado que esse público faz dela.

2.1 Democratização da educação de jovens e adultos e o papel do professor

Nesse contexto de desenvolvimento e de expansão da educação, o Brasil testemunha, desde a década de 1990 do século passado, um momento de crescimento da educação formal em todos os níveis, em consequência das mudanças no mundo do trabalho e nas formas de organização e participação social, como atesta a seguinte passagem das Orientações Curriculares para a EJA, em 2008:

A última década do século passado assistiu à universalização do Ensino Fundamental, de modo que a população de 7 a 14 anos se encontra atendida,

ainda que precariamente e com desigualdades brutais quando se considera a qualidade das escolas em função dos públicos a que assistem. Por outro lado, verificou-se o aumento extraordinário das matrículas na Educação de Jovens e Adultos, em especial no segundo segmento do Ensino Fundamental e no Ensino Médio. De acordo com o Inep/ MEC (censo escolar de 2004), a Educação de Jovens e Adultos (EJA) possuía, em 2004, 4,6 milhões de matrículas, com crescimento de 3,9% em relação ao ano anterior. De 5ª a 8ª série do ensino fundamental na EJA houve, de 2003 para 2004, incremento de 5,7% na matrícula, que passou a contar com 1,9 milhão de estudantes. De 1ª a 4ª série não foi registrada variação significativa na matrícula, que, hoje, é de 1,6 milhão. (BRASIL, OC, 2008)

Esse crescimento se deu, sobretudo, se pensarmos a educação de jovens e adultos como uma estratégia de governo, para tentar suprir necessidades e déficits anteriores com a educação. Diante desse cenário, o Brasil tem aumentado significativamente a oferta para essa modalidade, fato visível que se pode perceber e comprovar no elevado número de matrículas expresso na citação acima. Também reforça essa constatação, o surgimento de vários programas educacionais voltados para essa demanda, como: Brasil Alfabetizado, Alfabetização Solidária, o Pró-Jovem, entre outros oferecidos por entidades filantrópicas em parceria com o Governo Federal, além da oferta regular das instituições estaduais e municipais, e da rede privada de ensino. Todos eles oferecem cursos com duração e carga horária mínima em relação à modalidade regular (para aqueles dentro da faixa etária de escolaridade), entendida como normal. Esses programas mantêm em comum um único objetivo: resgatar jovens e adultos que abandonaram a escola; diminuir o alto índice de analfabetismo e assegurar, a essa demanda, a garantia de um direito do cidadão à educação, como prevê a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9394/96), em seus artigos 4º e 37º, respectivamente:

ART. 4º O dever do Estado com a educação escolar será efetivado mediante a garantia de:

I. Ensino fundamental, obrigatório e gratuito, inclusive para os que a ele não tiveram acesso na idade própria. (Lei 9394/96)

ART. 37. A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria. (Lei 9394/96).

A EJA, de acordo com a LDB (Lei 9394/96), passa a ser uma modalidade da educação básica nas etapas do ensino fundamental e ensino médio, usufrui de uma especificidade própria que, como tal, deveria receber tratamento didático específico. A própria lei estabelece a educação de jovens e adultos como um direito assegurado e cabe ao Estado garantir o cumprimento, zelando para que esse direito não seja frustrado, banalizado, mas que seja cumprido em sua totalidade, na tentativa de compensar essa “dívida” com aqueles que não

puderam usufruir, na idade considerada própria para aprender, das mesmas atividades e gradação dos objetos de ensino. Também é importante ressaltar que esse ensino oferecido aos jovens e adultos deverá ser de qualidade, no mesmo padrão ao oferecido na modalidade regular, pois essa garantia, proposta pela LDB, só acontecerá realmente quando tivermos práticas de ensino efetivas e capazes de satisfazer as reais necessidades de aprendizagem do público adulto.

Nesta perspectiva, esta educação representa uma promessa que abre um caminho de desenvolvimento para todas as pessoas, independentemente de idade e, para que tudo isso se realize em sua plenitude, o trabalho e o comprometimento do professor são de fundamental importância. Planejar esse processo é uma grande responsabilidade para esse profissional, haja vista que cabe a ele não só o domínio do conhecimento, dos procedimentos didáticos necessários para o tratamento da língua, mas o domínio da realidade que cerca esse grupo, dos anseios e dificuldades de aprendizagem, objeto desse ensino. É o educador quem vai estabelecer certas diretrizes sobre conteúdos, habilidades e competências a serem desenvolvidos, compreendendo que toda teoria pedagógica será insuficiente se não for viabilizada na prática (PCN's, 2008).

O professor não é responsável pelas situações de injustiças sociais, de diversidades culturais pelos quais foram e são submetidos seus alunos, mas em suas mãos talvez esteja as ferramentas mais eficientes para orientá-los e, a partir disso, promover mudanças nos próprios alunos e, por consequência, na realidade que convivem. O educador de jovens e adultos tem de ter uma especial sensibilidade para trabalhar com a diversidade, já que em uma mesma turma poderá encontrar educandos com diferentes bagagens culturais, sociais e tantos outros conhecimentos adquiridos em experiências diversas.

O parecer do MEC nos apresenta e nos descreve melhor esse público:

São homens e mulheres excluídos do sistema de ensino, apresentam um tempo maior de escolaridade devido às repetências acumuladas e interrupções na vida escolar. Muitos nunca foram à escola ou dela tiveram que se afastar, quando criança, em virtude da entrada precoce no mercado de trabalho, ou mesmo por falta de escolas. Jovens e adultos, que quando retornam a escola o fazem guiados pelo desejo de melhorar de vida ou por exigência do mercado de trabalho. “São sujeitos de direitos, trabalhadores que participam concretamente da garantia da sobrevivência do grupo familiar ao qual pertencem” (PARECER DO MEC, 2002, p. 39)

Essa apresentação do público nos convida a refletir sobre a situação de existência desse povo e a perceber algumas das características particulares e inerentes à demanda. Ao retornar à escola, esses educandos precisam se deparar com um professor instruído, habilitado, sensibilizado e humanizado para compreender toda essa vivência e tirar proveito dela para

enriquecer a sua prática docente e o aprendizado discente. Jovens e adultos possuem necessidades urgentes de aprendizagem, o que os faz retornar à escola, motivados pelo desejo de adquirir um diploma, um certificado, geralmente imposta pelo mercado competitivo de trabalho. Por essa razão, é importante que tenha um professor que esteja comprometido com a educação de jovens e adultos e também esteja preparado metodologicamente para conseguir se aproximar adequadamente desse grupo e para daí desenvolver um trabalho satisfatório e significativo, representativo. Um trabalho que permita uma maior inserção e participação social desse aluno e que o habilite a usar adequadamente a língua, seja ela em sua modalidade escrita ou falada.

Nessa direção, as estratégias de ensino devem ser especialmente pensadas para jovens e adultos. Essas estratégias devem contemplar todo um conjunto de habilidades e práticas do professor, que deve ser capaz de trabalhar os fenômenos, em especial os linguísticos, de forma contextualizada, verificando a funcionalidade do uso e não apenas um ensino prescritivo, baseado em normas e preceitos gramaticais (PCNs, 1997; MARCUSCHI, 2008). Por isso, esses alunos necessitam de um professor que consiga mediar conhecimentos, conciliar o saber escolar, àquele adquirido na escola e prestigiado pela sociedade, fazendo uma ponte ou criando um elo entre o saber construído e adquirido nas práticas e vivências sociais trazidas pelos educandos. Assim, “é preciso estabelecer uma intimidade entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos” (FREIRE, 1996), de modo que respeitar e utilizar esses conhecimentos trazidos pelos alunos é de fundamental importância para que haja a formação de indivíduos mais críticos e capazes de atuar efetivamente na sociedade, desempenhar seu papel de cidadão, cumprir seus deveres e exigir seus direitos.

Outro ponto importante a se pensar é a formação inicial do professor, aquela que alicerça a entrada do licenciando na universidade. Vejamos o que diz o parecer do MEC sobre isto:

As instituições que se ocupam da formação de professores são instadas a oferecer habilitação em seus processos seletivos. Para atender essa finalidade elas deverão buscar os melhores meios para satisfazer os estudantes matriculados. As licenciaturas e outras habilitações ligadas aos profissionais do ensino não podem deixar de considerar, em seus cursos, a realidade da EJA. Se muitas universidades, ao lado de Secretarias de Educação e outras instituições privadas sem fins lucrativos, já propõem programas de formação docente para a EJA, é preciso notar que se trata de um processo em vias de consolidação e depende de uma ação integrada de oferta dessa modalidade nos sistemas. (PARECER, 11/2000, p. 37)

Como percebemos, através da citação acima, é imprescindível que as instituições de ensino responsáveis pela formação de professores percebam a presença desse público nas

escolas, assim como, a expansão dessa modalidade. Os novos professores necessitam compreender melhor essa demanda, e essa compreensão precisa vir da academia, à medida que oferecem disciplinas específicas em seus cursos de licenciaturas, voltados para essa modalidade de ensino, capaz de refletir melhor essa realidade, que cresce a cada ano dentro das escolas.

Para que o professor tenha esse conhecimento (sobre o que propõe a citação acima e conseqüentemente sobre essa modalidade de ensino), propósito e comprometimento de trabalho com a EJA, ressaltamos a importância dos cursos de licenciaturas. Tais cursos possuem um papel fundamental e singular no processo de formação dos professores e eles precisam enxergar a EJA como um público alvo a ser alcançado e procurar preparar melhor seus alunos durante a graduação, oferecendo disciplinas específicas, capazes de refletir e direcionar melhor seus graduandos para essa realidade. Essa modalidade de ensino está presente praticamente em todas as escolas da rede pública de ensino. Nesse sentido o trabalho desenvolvido pelas academias deve possibilitar aos estudantes da graduação um melhor conhecimento sobre esse público, desenvolvendo estratégias mais específicas e funcionais para essa modalidade³. As técnicas e estratégias desenvolvidas precisam, reforçamos, ser revistas no sentido de surtirem efeitos mais produtivos para o ensino com jovens e adultos.

2.2 O ensino de língua portuguesa

A forma como o ensino de língua portuguesa vem sendo ministrado dentro das escolas, pouco tem contribuído para a eficácia desse ensino. A sala de aula é o lugar das inquietações, por isso a forma como os conteúdos de língua portuguesa têm sido estudados nas escolas tem passado por mudanças, mas, nem sempre tem atentado para as necessidades do público-alvo, esteja ele na educação regular ou em outras modalidades como a EJA.

Os alunos adultos geralmente são movidos por necessidades e interesses diferentes, eles precisam saber o porquê das coisas, eles querem entender por que precisam aprender algo, necessitam compreender como aquele conteúdo poderá ser útil, pois eles preferem aprender o que os ajudará a solucionar seus problemas, ou seja, eles conseguem aprender melhor quando estudam assuntos que sejam de valor imediato para suas vidas, porque dispõem de pouco tempo. Com isso, não estamos dizendo que os conteúdos do currículo escolar não são importantes ou não devem ser trabalhados dentro das salas de aulas de jovens e adultos, apenas estamos apresentando as necessidades e interesses desta demanda. O professor não

³ Em outro momento, poderemos desenvolver outro trabalho no intuito de abranger o posto.

pode fechar os olhos e ignorar tudo isto e prosseguir como se essa realidade não existisse, dando suas aulas sem nenhuma funcionalidade e interesse para os alunos. Ele precisa estar atento a esses aspectos e usá-los como um mecanismo a seu favor e, assim, obter o interesse dos alunos e, conseqüentemente, possibilitar melhores resultados.

É importante refletimos, também, sobre o que a escola está oferecendo e o que ela pode oferecer ao aluno da EJA em relação ao tratamento da língua, da qual ele já faz uso de forma efetiva. Considerando que a capacidade comunicativa do mesmo já se acha em processo de desenvolvimento, em alguns mais em outros menos. Diante disso, o tipo de atividade proposto deve ampliar as capacidades desse público, o conhecimento adquirido, aproveitado-o e aprofundado-o. Assim, a resposta pode ser dada na medida em que se concebe que a escola não deve ensinar a língua, mas usos da língua (BELLAN, 2005) e formas não corriqueiras de comunicação escrita e oral. A título de exemplo, podemos citar a entrevista, o preenchimento de currículo, em outras palavras, práticas funcionais da oralidade e da escrita. O foco de ensino será a língua em determinados contextos de uso, ou seja, usos da leitura, da escrita e da análise linguística (PCNs, 1997).

É importante reforçar que o princípio pedagógico fundamental na educação de jovens e adultos é o de que se trata de uma educação entre iguais (adulto ensinando adulto). Não estamos dizendo que não há diferenças, até porque como já foi dito, essa demanda é bem diversificada. E também é evidente que o educador dispõe de maior conhecimento formal em seu campo de atuação e maior familiaridade e trato com a leitura e a escrita. A função do educador não pode ser então, a de um simples motivador, de um repassador de informações ou, mesmo, de um grande especialista, mas sim a de um articulador do movimento formativo, de uma liderança política e intelectual. Isso porque, em algumas situações, os conteúdos então sendo trabalhados dentro das salas de EJA como deveriam ser trabalhados em salas com crianças na fase regular.

Os educadores foram e continuam sendo formados para lidarem com a prática pedagógica. Mas, como muitos não conhecem referenciais teóricos e metodológicos específicos para este segmento, a prática predominante tende a reproduzir o modelo escolar tradicional, constituído para atender crianças e adolescentes do ensino regular, dividindo o processo de formação em séries e disciplinas. Ignora-se, portanto, que o adulto não age, nem raciocina como uma criança ou um inexperiente adolescente. Ele tem uma forma diferente de aprender, até porque as peculiaridades da etapa de vida em que se encontra faz com que traga consigo diferentes habilidades. Essa forma de enxergar o adulto, em algumas situações, não tem auxiliado no processo de ensino/aprendizagem. Dessa forma, é necessário pensar em teorias e práticas adequadas para esse público, na tentativa de efetivar essa aprendizagem.

É preciso pensar em métodos que tornem o trabalho diferenciado e mais atrativo, a título de exemplos: técnicas de ensino como trabalhos em duplas ou até mesmo em grupo, apresentação de seminários, estudos de caso, dramatizações e autoavaliações, podem ser estratégias didáticas mais eficazes do que, simplesmente, uma aula expositiva, na qual geralmente se expõem aspectos formais e estruturais da língua. O uso desses procedimentos, certamente, pode facilitar a retenção da aprendizagem e mantém os alunos em sintonia constante com o professor e com o objeto estudado. Traçar um bom planejamento, manter o seu trabalho organizado e avaliar constantemente sua atuação neste processo de ensino-aprendizagem dos adultos, podem ser aspectos de fundamental importância para o sucesso da tarefa de qualquer professor.

Enfim, o trabalho em equipe pode ser visto como uma alternativa muito funcional no que diz respeito ao trabalho metodológico em sala de aula com esse público. Os alunos serão sujeitos da construção do seu próprio conhecimento, à medida que experienciam e vivenciam novas descobertas, novos aprendizados. A tentativa de produzir conhecimento deve ser encarada como um processo essencialmente coletivo. Uma pessoa sabe mais com as outras do que saberia estando sozinha. As pessoas não vivem sozinhas, vivem umas com as outras, produzem e indagam o mundo coletivamente. Se alguém está lendo alguma coisa e encontra um problema, procura questionar o outro, pede explicação, opinião, comentário; o outro responde, complementa, e assim, constroem na interlocução um sentido (ANTUNES, 2010).

Também é importante lembrar que vivemos a época da tecnologia, isso não pode jamais ser perdido de vista. A utilização e a exploração dos recursos audiovisuais, por exemplo, de forma adequada, podem trazer benefícios aos alunos, desde que o professor tenha domínio desses recursos.

Explorar o lúdico também pode ser um recurso muito proveitoso, lembremos que estamos diante de adultos que, como discutimos anteriormente, traz toda uma carga de cansaço e estresse do dia a dia. A utilização de jogos, músicas e até brincadeiras pode motivar os alunos e envolvê-los na dinâmica de sala de aula, pode ainda aliviar/ diminuir o cansaço, o estresse e a fadiga trazidos da rotina do dia a dia para a sala de aula e, conseqüentemente, tornar a aula mais produtiva e significativa e propícia ao aprendizado. No entanto, não se deve perder de vista que estamos dentro de uma sala de aula, por isso, as atividades lúdicas desenvolvidas devem estar associadas, ligadas aos conteúdos apresentados.

Vale ressaltar, ainda, a maneira como os professores e alunos, os principais agentes do processo de ensino e aprendizagem fazem uso de sua linguagem em sala. É importante que os mesmos não se considerem superior um ao outro, principalmente o professor, pois, na relação ensino-aprendizagem, podem aprender de acordo com as experiências de vida de cada um.

Não há necessidade de inibição ou autoritarismo na fala ou no comportamento de ambos, sendo eles partes fundamentais para o aprendizado, suas posturas precisam ser menos assimétricas. No caso, deve-se promover a interação e desenvolver na sala de aula uma relação sóciointeracionista⁴ (ANTUNES, 2010).

No que tange à disciplina e ao professor de língua portuguesa, esses fatores, métodos, estratégias e recursos utilizados em sala de aula aqui apresentados e discutidos, devem favorecer o desenvolvimento cognitivo do potencial do aluno, contemplar e desenvolver todo um conjunto de habilidades do educando; deve ampliar e favorecer o desenvolvimento de algumas capacidades de leitura, de escrita e de compreensão dos diferentes usos da língua. Esses conhecimentos devem permitir que os alunos leiam com desenvoltura textos de uso frequente de circulação social, tais como: notícias, reportagens, entrevistas, histórias, didáticos etc. e estabeleçam relações significativas ou de pertinência apropriadas entre o texto lido e os conhecimentos prévios. É importante que o professor utilize textos de instrução de organização da vida diária, tais como: fichas, registros, agendas, anotações, cartas, mensagens de celular, e-mail, etc. Somada a estas habilidades, a escrita deve ser utilizada com propriedade (mesmo que eles não tenham total conhecimento dos aspectos formais da modalidade em questão) nas interlocuções interpessoais ou em situações de estudo e da vida profissional e pessoal (O C, 2008).

Na leitura, o professor não pode perder de vista alguns pontos de extrema importância para o desenvolvimento de um leitor proficiente. O professor deve trabalhar tendo em vista seus objetivos, esses, certamente, significativos para o aluno. Em síntese, podemos citar algumas competências a serem conquistadas e adquiridas como, por exemplo, o aluno precisa:

1. Ser capaz de ler com desenvoltura textos de uso frequente de circulação social, tais como: notícias, reportagens, entrevistas, histórias, didáticos etc.;
2. Utilizar textos de instrução de organização da vida diária, tais como fichas, registros, agendas, anotações etc.;
3. Estabelecer relações apropriadas entre um texto e os conhecimentos prévios, vivências, crenças e valores;
4. Estabelecer relações entre imagens (fotos, ilustrações), gráficos, tabelas e o conteúdo do texto, atentando também para as relações entre o verbal e o não verbal;

⁴ O sociointeracionismo é uma teoria de aprendizagem cujo foco está na interação. Segundo esta teoria, a aprendizagem dá-se em contextos históricos, sociais e culturais e a formação de conceitos científicos dá-se a partir de conceitos cotidianos. Desta forma, o conhecimento real da pessoa é ponto de partida para o conhecimento potencial, considerando-se o contexto sociocultural. Tendo como principal representante o estudioso dessa corrente Vygotsky.

5. Identificar a posição do autor em relação a conceitos ou acontecimentos apresentados, durante as leituras realizadas de um texto, seja qual for o gênero;
6. Identificar o tema/assunto, a tese e os argumentos principais utilizados pelo autor em texto de ampla circulação (O C, 2008).

Essas são algumas capacidades de fundamental importância, que podem ser entendidas como objetivos do professor de língua portuguesa. Elas devem ser desenvolvidas através de toda etapa escolar, tomando como ponto de partida o aproveitamento, o uso dos conhecimentos trazidos pelos alunos.

Quanto à escrita, o professor de língua portuguesa, embora não sendo o único responsável por esse processo, não pode deixar de pensar em atingir objetivos mínimos, mas significativos para a inserção do aluno em sociedade, o aluno precisa:

1. Ser capaz de usar a escrita para relações interpessoais, em situações de estudo, e principalmente da vida profissional;
2. Compreender a importância de revisar e corrigir os próprios textos escritos verificando e modificando o que for necessário, deixando o texto livre de contradições e dubiedades de sentidos, na perspectiva de deixar o texto o mais claro e compreensível possível;
3. Demonstrar um vocabulário diversificado e de estruturas com maior complexidade para produções escritas e intervenções orais, lembremos que o adulto é um agente social. Esse vocabulário será fortalecido, à medida que ele lê, questiona, indaga, pesquisa e se relaciona com os outros;
4. Estabelecer objetivos, compreender o porquê e para quê está escrevendo (para que e para quem o texto está sendo produzido?);
5. Adequar os textos produzidos aos padrões mínimos de escrita (pontuação, parágrafo, concordância, ortografia), um texto minimamente bem produzido, seguindo alguns padrões da norma culta;
6. Perceber a importância da escrita como instrumento de participação social (O C, 2008).

O professor de língua portuguesa também não pode esquecer a importância de mostrar aos alunos conhecimentos sobre a língua e suas diversas possibilidades e adequações de usos, já que concebemos uma língua heterogênea, que se encontra em constante transformação. Ele precisa compreender as diversas possibilidades de uso dessa língua, percebendo que uma forma de usar a língua em uma situação pode não ser adequada para outra. Para isso, o professor precisa atentar para algumas habilidades ou objetivos de ensino da língua portuguesa, tais como:

1. Reconhecer e avaliar os sentidos e valores de elementos de variação linguística, sejam eles de aspectos geográficos, históricos, condição social e técnico-profissional;
2. Compreender os vínculos entre produção literária (em suas diversas manifestações) e a História, a cultura, política etc.
3. Ter domínio de sua fala e da audiência, o que implica uma razoável fluência e planejamento (O C, 2008).

O desenvolvimento dessas habilidades ou a concretização desses objetivos não pode deixar de auxiliar e contribuir para que os alunos adquiram e desenvolvam suas potencialidades e competências. É preciso, portanto, que eles percebam e se identifiquem com diversas realidades apresentadas e vivenciadas, sempre com ajuda do professor que o orienta, estimula, capacita, articula a cada momento novas estratégias de ensino, motiva seus educandos a analisarem, questionarem e transformarem o conhecimento que trazem.

Garantir a aprendizagem do conteúdo por meio de uma metodologia que permita a reflexão, participação e confrontação de ideias; respeitar e estimular a capacidade criadora do educando são pontos de fundamental importância para o desenvolvimento pessoal e social de cada aluno, para que ele possa sair da consciência ingênua e passe a ter uma consciência crítica da realidade (Cf. FREIRE, 1996).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por entender que a educação é a única alternativa política, cultural e social para que este país encontre a dimensão de sua grandeza educacional e saia deste estado de miséria e precariedade e, para que o aluno/cidadão encontre dignidade diante da sociedade, as lideranças educacionais precisam, urgentemente, repensar a necessidade de um maior investimento na educação e, principalmente, na Educação de Jovens e Adultos, bem como na formação inicial e continuada dos seus professores que nela atuam.

A escola é um importante instrumento de transformação social. Assim sendo, educar e modificar a realidade social são alguns dos principais papéis dessa instituição na sociedade e, junto aos indivíduos, esse papel importantíssimo não pode ser esquecido; a escola precisa, urgentemente, rever sua postura e o seu papel e precisa fortalecê-lo no sentido de cumprir eficazmente sua função social. Lembrando, ainda, a importância singular do papel do professor, este é um fator determinante para que essa transformação aconteça, por isso investir na formação do professor é de extrema importância, o professor precisa se capacitar e ser capacitado a cada dia. Ele deve ser estimulado e valorizado como pessoa e como profissional e, para tanto, o poder público tem que enxergar melhor a figura desse profissional se quiser

ver mudanças nessa modalidade de ensino. Daí impor-se como tarefa da escola contribuir para que os sujeitos participantes do processo educativo desenvolvam a capacidade de ler, estudar, refletir, pesquisar e intervir.

Diante do exposto, é preciso ter a convicção de que essa mudança na educação só ocorrerá realmente quando algumas questões forem repensadas com seriedade, a título de exemplo: a reformulação dos currículos, a problematização de situações existentes dentro da escola, bem como a necessidade dos cursos de licenciaturas oferecerem em sua matriz curricular disciplinas direcionadas para o público EJA e, por que não pensar na efetiva participação dos alunos nesse processo de “mudança”, já que eles são o público alvo de qualquer decisão tomada pela escola? Possivelmente, suas sugestões podem contribuir muito. Eles precisam compartilhar desse processo de reconstrução da escola e da construção do seu próprio conhecimento.

Nesse contexto, o professor de língua portuguesa e de outras áreas de conhecimento são provocados a refletir sobre seu papel, as estratégias metodológicas que tem adotado para ensinar esse objeto e para contemplar o trabalho com leitura, com escrita, com oralidade e com análise linguística para um público particular, o da EJA, à luz das novas exigências e necessidades que marcam essa modalidade de ensino. Desta forma, o ensino da língua portuguesa precisa propiciar o desenvolvimento, a ampliação de competências e habilidades que os alunos trazem de sua vida em sociedade. Como um público singular, a educação tem o dever de “ressignificar” o estar e fazer desse aluno nos bancos escolares.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. **Análise de textos: fundamentos e prática.** São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- BELLAN, Zezina. **Andragogia em ação: como ensinar adultos sem se tornar maçante.** Santa Bárbara d'Oeste, SP: Z3 Editoras e Livrarias, 2005.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais de EJA.** Parecer 011/2000.
- BRASIL. **Conselho Nacional de Educação.** Resolução CNE/CP 02. 1999.
- BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional,** 1996.
- BRASIL, **Orientações Curriculares: expectativas de aprendizagem para Educação de Jovens e Adultos - EJA / Secretaria Municipal de Educação – São Paulo: SME / DOT,** 2008.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Deporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa – 1º e 2º ciclos.** Brasília: 1998.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia : saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra. Coleção Saberes. 1996.
- KLEIMAN, Angela. **Projeto temático letramento do professor.** São Paulo: UNICAMP, 2005.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da escola pública.** São Paulo: Loyola, 1992.
- MARCUSCHI, Luis Antonio. **Produção textual, análise de Gênero e compreensão.** São Paulo: Parábola, 2008.